



*Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer*  
*Arcebispo de São Paulo*

REFLEXÃO NA ABERTURA  
DO SÍNODO ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO,

“caminho de comunhão, conversão e renovação missionária”.

Saudação a todos os queridos irmãos e irmãs batizados, filhos da Igreja e desta Arquidiocese querida de São Paulo.

- A todos os leigos e leigas, chamados à graça da fé, à participação na herança espiritual da Igreja e à missão comum do testemunho do Evangelho de Jesus Cristo nesta Cidade imensa, onde Deus habita.

- Aos Bispos Auxiliares, Vigários episcopais, Vigários gerais adjuntos, Superiores provinciais de comunidades religiosas.

- Aos Padres e Diáconos, que desempenham suas missões em nossa Arquidiocese.

Saúdo o Pe. Contieri e a Direção do Colégio São Luís, que nos acolhem e hospedam neste espaço para a celebração da abertura dos trabalhos do sínodo. Em nome da Arquidiocese de São Paulo, agradeço-lhes e peço que Deus os recompense.

Saudação e agradecimento especial aos membros da Comissão Arquidiocesana e à Secretaria Geral do sínodo, bem como ao Secretariado de Pastoral, que organizaram esta celebração de abertura do sínodo arquidiocesano. Saúdo e agradeço também a todos os numerosos voluntários que colaboram de maneira generosa na realização deste evento.

Meus irmãos e irmãs:

Temos hoje a graça de celebrar a abertura dos trabalhos do 1º sínodo arquidiocesano, convocado para ser um “caminho de comunhão, conversão e renovação missionária” para toda a nossa Arquidiocese. Deus nos concede esta graça especial e, ao mesmo tempo, confia uma imensa tarefa à nossa generosa colaboração.

O sínodo é uma importante ação eclesial, que vamos fazer juntos, como participantes de um grande “mutirão” eclesial, com o objetivo de buscar o maior bem para a vida e a missão de nossa Igreja em São Paulo.

O relato sobre o encontro de Jesus ressuscitado com os dois discípulos de Emaús está entre o mais belos do Evangelho de São Lucas (Lc 24,13-35). Os acontecimentos da paixão e morte de Jesus haviam deixado esses dois e os demais discípulos profundamente abalados e desanimados, ao ponto de abandonarem tudo e voltarem para casa, tristes e decepcionados.

Enquanto caminhavam juntos (o sínodo é um caminhar juntos), recordam os belos momentos que passaram com Jesus, seu encantamento pelo Mestre e o tempo em que caminharam com ele pela Judéia e a Galiléia, durante a sua vida pública, ouvindo sua pregação, testemunhando seus milagres e deixando-se contagiar pelo entusiasmo que Jesus despertava por toda parte. Haviam feito uma bela experiência de “sínodo”, caminhando com Jesus, convivendo e aprendendo com ele, unidos e irmanados por ele. Haviam posto suas esperanças em Jesus, mas agora tudo isso havia acabado. As autoridades de Jerusalém haviam condenado Jesus à morte e todo aquele sonho bonito havia caído por terra. Estavam decepcionados, tristes, frustrados, desanimados. Não havia mais nada para fazer, senão voltar atrás e retomar a vida de antes do chamado de Jesus! Não são esses os sentimentos que por vezes também os católicos provam no caminhar de sua vida em relação à Igreja e a proposta de vida cristã?

Enquanto os dois caminhavam para Emaús, isolando-se da comunidade dos demais discípulos (fazendo um processo de anti-sínodo...), um outro peregrino foi se juntando a eles, compartilhando o seu caminho. Primeiro, ele quer saber por qual motivo estão tão tristes e desanimados? E os vai ouvindo pelo caminho (o sínodo é fazer passos juntos; é um tempo para ouvir, acolher, discernir...). Depois, o novo peregrino fala e os provoca com perguntas, para acordá-los do seu torpor e desânimo, e explica-lhes as Escrituras, mostrando como os sofrimentos e a morte do Messias não foram aquele desastre todo que eles estavam imaginando. Já haviam falado disso os profetas. Como não tinham percebido isso? Como haviam desanimado tão depressa e perdido sua confiança em Jesus? Seu coração estava endurecido e seus olhos estavam como cegos por causa do abatimento...

No final do “caminho sinodal” feito junto com o forasteiro ainda desconhecido, os dois discípulos já se sentiram mais aliviados; até a estrada lhes pareceu mais curta, quando chegaram a Emaús... Convidaram o companheiro de caminho a entrar em sua casa e a permanecer com eles durante a noite. Talvez queriam conversar mais um pouco com ele, pois lhes fizera bem e havia novamente aquecido seu coração... Estar juntos na escuridão da noite, no meio das dificuldades do caminho, deixa todos mais seguros e confiantes... Mas, ao redor da mesa da hospitalidade, Jesus revela-se ao partir o pão, como havia feito na última ceia. Seus olhos dos dois se abriram e eles se dão conta daquilo que seu coração já havia percebido pelo caminho, enquanto ele lhes explicava as Escrituras! Era ele mesmo, o próprio Jesus! Não foi sem razão que seu coração estava novamente confortado e cheio de ardor! O sínodo tem o objetivo de ir ao encontro dos irmãos tristes, desanimados e desorientados, para levar-lhes o convite a se reunirem novamente à comunidade dos irmãos e testemunhas de Jesus Cristo na Igreja. No encontro com os irmãos, na escuta da Palavra do Evangelho, na celebração da Eucaristia e na caridade fraterna vão descobrir que Jesus está lá, no meio deles.

Sem ligar para o cansaço, os dois percorrem juntos imediatamente o caminho de volta para Jerusalém, para contar aos outros discípulos sobre o encontro que tiveram com Jesus ressuscitado. Foi uma experiência tão impactante, uma alegria tão grande, uma luz tão forte, que sua fé, suas forças e seu entusiasmo por Cristo se refizeram inteiramente! Não havia como deixar para o dia seguinte: era preciso correr juntos logo, para encontrar os outros e lhes anunciar essa boa nova! Em Jerusalém, encontraram os outros reunidos (estavam em comunhão de fé novamente, reunidos em sínodo!). Eles também tinham belas experiências para compartilhar sobre seus encontros com o Senhor ressuscitado! E assim começou a se concretizar a missão dos apóstolos e discípulos: “ide, anunciai o Evangelho a toda criatura...Eu estarei sempre convosco, até o fim dos tempos” (cf Mt 28).

Talvez nos encontramos em São Paulo (e não somente aqui) na condição dos discípulos de Emaús: perda do encantamento pela vida cristã e pela própria Igreja; desmotivação paralisante, que leva à apatia diante dos desafios enfrentados pela Igreja, e não são poucos! Tudo fica parecendo difícil e que não vale a pena tentar mais nada. Pode ser que nos fixamos em esquemas mentais, pastorais ou até teológicos algo equivocados ou, pelo menos, não adequados para os tempos e as circunstâncias atuais, com medo do novo e do surpreendente de Deus no caminho dinâmico da Igreja...

Estamos diante de alguns sintomas preocupantes em nossa Igreja em São Paulo: o esvaziamento da prática dominical e da procura de vários Sacramentos (batismo, crisma, casamento, confissão, unção dos enfermos...); a quase ausência de crianças e jovens nas nossas comunidades, a pouca expressão da catequese; certa burocratização de nossas paróquias e da ação pastoral, com excesso de estrutura, sem alcançar o foco daquilo que deveria ser a nossa ação evangelizadora; dispersão das energias pastorais, fraca incidência dos católicos na vida social, política e cultural e na formação da opinião pública; certo desânimo de pastores e fieis, acompanhado de azedume e críticas amargas aos irmãos e à própria Igreja; tendência individualista acentuada, que se manifesta no descompromisso com a comunidade de fé e no modo subjetivo e relativista de acolher os ensinamentos e orientações da Igreja; evasão de católicos para outras denominações cristãs, ou abandono total da vinculação com a Igreja e da fé... Isso tudo nos interpela: o que está acontecendo? Vamos continuar como estamos, sem tomar conhecimento das lacunas na evangelização e dos riscos de esvaziamento de nossas comunidades, fazendo de conta que nada mudou e tudo continua como sempre foi? Vamos continuar a fazer uma pastoral de mera conservação, ou queremos avançar para uma impostação mais missionária da nossa ação eclesial? Já avançamos algo na “conversão missionária” e na “Igreja em saída”, à qual o Papa Francisco nos convoca?

Pelo sínodo, a Arquidiocese inteira é convocada a uma nova tomada de consciência de sua natureza, missão e ação. Nos anos após o Concílio, apareceram muitas indicações, convidando a Igreja a se renovar na sua missão, quer pelos documentos do magistério pontifício pós-conciliar, que interpretaram o Concílio e orientaram a aplicação das suas diretrizes, quer ainda através do magistério dos bispos locais, tendo em vista as realidades próprias da Igreja em cada parte do mundo. Últimos grandes documentos de

referência para nós foram, por exemplo, o Documento de Aparecida, para a América Latina e o Caribe, e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco.

Mas também a CNBB, para o Brasil, fez muitos apelos em documentos recentes, que recolhem os apelos da Igreja e os traduzem para a nossa realidade brasileira. Em nossa amada Arquidiocese de São Paulo, não foi pequeno o esforço realizado, no correr do tempo, para tornar a Igreja verdadeiramente presente e operante nesta imensa Metrópole, através da evangelização, da caridade e da celebração dos Mistérios da salvação. Em São Paulo, fundada por santos missionários, entre os quais São José de Anchieta, a Igreja procurou ser testemunha de Jesus Cristo na cultura urbana, graças à sabedoria e generosidade apostólica de seus Pastores e dos numerosos sacerdotes; e também graças ao testemunho de incontáveis cristãos leigos e leigas, religiosos e consagrados nos muitos carismas do Evangelho. Por tudo isso, damos muitas graças a Deus! Estamos edificados sobre o testemunho de fé daqueles que nos precederam no serviço à Igreja e no testemunho de vida cristã!

Neste tempo, porém, percebe-se a necessidade premente de renovar a evangelização e a vida pastoral em nossa Arquidiocese. A mudança de época em curso na sociedade e na cultura também atinge fortemente a vida eclesial e seus efeitos aparecem numa persistente crise de fé religiosa, na adesão sempre menor à vida eclesial e no progressivo abandono da Igreja e até da fé cristã. Essa crise não atinge apenas a nossa Arquidiocese, mas a Igreja Católica em várias partes do mundo, o que não é nenhum motivo de consolo para nós!

Nossa Arquidiocese tem feito seus Planos de Pastoral, traduzindo em prioridades e urgências pastorais aquilo que temos a fazer nesta Cidade. Tudo isso, porém, pode ficar “letra morta” e sem efeito, se não chegar efetivamente às bases do povo de Deus e sem uma verdadeira “conversão” de nossa mentalidade e de nossa cultura pastoral.

Os discípulos de Emaús estavam voltando para casa, abandonando o envolvimento com Jesus e o Evangelho. Faziam o “anti-sínodo”, afastando-se da comunidade. Cheios de lamúrias e amargura, talvez até envergonhados por terem sido discípulos de Jesus, eles somavam suas mágoas e isso os desanimava cada vez mais. Abandonaram Jerusalém e voltavam para Emaús, distanciando-se da comunidade dos discípulos - da Igreja, comunidade de fé. Azedume, negativismo e desânimo são contagiosos e levam a perder o amor àquilo que se faz. Podem mesmo levar a perder a motivação profunda de nossa fé e a procurar formas alternativas de religiosidade. Não é isso que acontece com frequência ao nosso redor?

Jesus fez caminho com os discípulos de Emaús. Explicando as Escrituras, reanimou seu coração e fez com eles um “caminho sinodal”. Sínodo significa caminhar juntos, na mesma direção, na comunhão de fé e de intenções, no mesmo ardor e dedicação. E eles o reencontram nas Escrituras, no convívio fraterno e no partir do pão da Eucaristia e da caridade.

Pode ser que, em nossa Arquidiocese, nos encontramos na condição dos discípulos de Emaús. Naquela ocasião eram apenas dois discípulos. Hoje somos centenas de milhares

e mesmo milhões de católicos-discípulos de Cristo em São Paulo, que precisam reencontrar a confiança e a alegria da fé católica e o ardor missionário. Durante o sínodo, todos nós somos chamados a recordar e contar uns aos outros as “razões de nossa esperança”, os motivos pelos quais somos cristãos, recordar a razão de ser da Igreja e de suas organizações e instituições. Olhemos para a nossa realidade e nos perguntemos como estamos? Como entender os acontecimentos do tempo presente à luz da Palavra de Deus e da fé da Igreja? Olhemos com humildade e coragem para os desafios e urgências que a Igreja enfrenta na sua missão evangelizadora em São Paulo. Precisamos ouvir novamente Jesus Cristo a nos explicar a palavra da Escritura pela voz da Igreja, nos sinais dos tempos e das circunstâncias atuais. Ouçamos atentamente o que o Espírito diz à Igreja em São Paulo; perscrutemos e compreendamos de forma nova o que Deus deseja de nós neste tempo e nas circunstâncias em que nos encontramos nesta metrópole de São Paulo.

Precisamos renovar nossa fé, esperança e caridade e pedimos com fervor que também nossos corações e os de nossos irmãos desanimados se aqueçam novamente e se encham de fervor e de ardor missionário, para a renovação pastoral e missionária tão necessária nos nossos tempos! No caminho do sínodo vamos perceber que ele, Jesus, não abandonou sua Igreja, mas caminha com ela, renova-a através da constante ação do Espírito Santo, na alegria de crer e de proclamar a Boa Nova do Evangelho à Cidade mediante o testemunho da vida cristã e eclesial. No encontro com Ele, na Eucaristia e na escuta atenta de sua Palavra vamos perceber que precisamos de conversão e renovação pastoral e missionária. Os discípulos de Emaús estavam fechados em si mesmos, remoendo sua frustração e desânimo... O renovado encontro com Jesus Cristo lhes deu novo ânimo e a conversão missionária que haviam perdido. Esqueceram o desânimo, o cansaço, as murmurações e seu projeto pessoal de vida, longe de Jesus e da Igreja, e se lançaram novamente a caminho da missão, em comunhão com a comunidade dos demais discípulos.

Nossa Arquidiocese, ouvindo o Espírito Santo, é chamada a se renovar na fé, esperança e caridade, que são o núcleo central da vida cristã. Cremos nas palavras de Jesus, que disse: “eu estarei sempre convosco, até o fim dos tempos”! Cremos e temos a firme esperança nas suas promessas e, por isso, nos lançamos sem reservas à missão. Cremos na ação do Espírito Santo, que renova a face da terra e também renova a nossa Igreja, se nos dispusermos a colaborar com docilidade com sua missão. Cremos na eficácia do mandamento do amor, que Jesus ensinou e ordenou que praticássemos.

A Igreja, nas muitas vozes do seu Magistério, nos fala da urgência da nossa renovação missionária e que não basta continuarmos apenas a fazer uma “pastoral de mera conservação”. Renovar-se no ânimo e no ardor missionário, sem pessimismos, derrotismos ou divisões individualistas. Renovar-se na prática da vida cristã e no testemunho da fé e da caridade. Renovar-se na evangelização e na organização pastoral.

“Deus habita esta Cidade: somos suas testemunhas!” Nesta metrópole, que começou com uma missão religiosa, uma escola, uma igreja, um altar e uma proposta de sociedade baseada nos critérios do Evangelho de Jesus, não podemos ficar “sumidos”.

Acreditamos na força do testemunho cristão e católico, realizado de muitos modos e por muitos.

Caríssimos leigos e leigas e toda a comunidade dos batizados, que formam esta amada Igreja de São Paulo; ministros de Jesus Cristo e da Igreja, servidores do povo nas coisas de Deus; religiosos e consagrados, testemunhas privilegiadas da alegria e da graça do Evangelho e da esperança dos bens do reino de Deus: convoco novamente todos a participarem do sínodo de nossa Arquidiocese. Façamos juntos este caminho, animados e orientados pelo Espírito Santo, no sincero e firme propósito de buscar o maior bem da vida e da missão de nossa Igreja em São Paulo.

Que Nossa Senhora da Assunção, o apóstolo São Paulo, patrono de nossa Arquidiocese, os Santos e Bem-aventurados que viveram nesta Cidade e aqui deram o testemunho de Jesus Cristo antes de nós; que os Santos Padroeiros de nossas Comunidades intercedam por nós e sejam nossos companheiros no caminho do sínodo. Deus nos abençoe, nos conduza e nos guarde. Amém!

Cardeal Odilo Pedro Scherer

Arcebispo de São Paulo

S.P., 24 02 2018